

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( PÔSTER )

NOME: EVELY CRISTINE PEREIRA DE AQUINO

TÍTULO: VIVÊNCIAS DE LETRAMENTO DE SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA

AUTORES: EVELY CRISTINE PEREIRA DE AQUINO, JOSÉ EUSTÁQUIO DE BRITO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

PALAVRA CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Letramento; Educação do Campo

## RESUMO

Este texto tem como objetivo refletir sobre os processos de letramento de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) num assentamento de reforma agrária a partir de suas memórias escolares. Quais são as formas de participação de sujeitos pouco escolarizados nas práticas de leitura e escrita? De que forma esses sujeitos atendem às demandas de leitura e escrita relacionadas ao seu cotidiano, ao mundo do trabalho, às práticas religiosas e à cultura urbana? De que forma as experiências de letramento de adultos e idosos da EJA interrogam as imagens construídas historicamente sobre os sujeitos "analfabetos"? Abordamos dados parciais da pesquisa de mestrado em andamento intitulada Histórias e memórias escolares de sujeitos da EJA num assentamento de reforma agrária. A pesquisa é realizada em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizado em Betim, Região Metropolitana de Belo Horizonte. No período de 2000 a 2009, esse assentamento participou do projeto de extensão Educação, Campo e Consciência Cidadã – primeiro segmento do ensino fundamental, inserido no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Trata-se de uma experiência no contexto da Educação do Campo, conceito cunhado no Brasil na década de 1990. Um dos princípios dessa política pública é a participação de movimentos sociais, estado e universidade em sua elaboração, acompanhamento e avaliação. A interação com os sujeitos do campo ao longo do primeiro semestre de 2013 foi fundamental para repensarmos os objetivos e referenciais teóricos da pesquisa. Nesse sentido, abordamos nesse texto um momento do trabalho de campo que gerou vários aprendizados para nós e redefiniu algumas questões de pesquisa. Para a construção do perfil das pessoas que participaram da EJA no assentamento, elaboramos uma ficha de identificação com itens sobre os dados pessoais, inserção no MST, participação em movimentos/organizações sociais, trabalho e escolaridade. Com 21 fichas preenchidas, retomamos nosso contato com os sujeitos para consultá-los sobre o interesse em participar das entrevistas. Deste modo, realizamos entrevistas temáticas na perspectiva da História Oral, abordagem teórico-metodológica que se vale da memória e é centrada em entrevistas orais, com especificidades relacionais tanto à forma de produção das entrevistas, quanto de sua transcrição, e disponibilização, visto que tornam-se fontes para outras pesquisas. Os processos de escolarização na infância e adolescência e na EJA constituíram a temática das entrevistas realizadas com um grupo composto por quatro homens e quatro mulheres, com idades entre 43 e 76 anos. Quanto à escolarização, todos participaram das turmas de EJA no assentamento e apresentaram percursos diversificados anteriores a essa experiência. As entrevistas têm nos revelado trajetórias escolares truncadas e que o direito à escolarização é apenas uma dimensão de outros direitos negados nas trajetórias humanas dos sujeitos da EJA (ARROYO, 2011). Suas memórias mostram a escola como um espaço quase inacessível, ora porque ficava distante de suas casas, ora porque tinham que trabalhar para ajudar no sustento da família, ora porque eram mulheres e os pais não permitiam, no caso de duas entrevistadas. Na maior parte dos casos a distância e o trabalho na roça compunham uma mesma realidade. A escola também fazia parte do poder local, pois algumas escolas – na época, representadas apenas por uma sala de aula - ficavam na fazenda e a professora era paga pelo fazendeiro, como aparece em algumas narrativas. As experiências de letramento emergem com frequência quando nossas questões se referiam ao retorno à sala de aula. Os adultos e idosos reconheciam a importância da leitura e da escrita em práticas sociais, como no trabalho, para exercer alguma função que demandava conhecimentos específicos, por exemplo, na indústria; para resolver questões relacionadas a operações bancárias; para participarem da cultura urbana; para ler a bíblia; para ler e escrever cartas e documentos relacionados ao assentamento, como o registro de reuniões. Os constrangimentos vivenciados em diversas situações por não saber ler e escrever foram descritos, como, por exemplo, solicitar ao amigo a leitura de uma carta enviada pela namorada, ou pedir outra pessoa para assinar documentos ou assinar com a impressão digital. Relatou-nos uma entrevistada que, na ausência de tinta adequada para registrar a impressão digital num documento, teve que colocar tinta de caneta no polegar. Sendo assim, as narrativas revelam a busca pela escolarização como possibilidade de inserção na cultura escrita e de formas mais dignas de viver. Aprender a ler e escrever significou para os adultos e idosos em alguns momentos a não dependência do outro. O uso da escrita apareceu também como forma de apoio à memória quando um dos entrevistados mostrou-nos o caderno com registros dos dias de trabalho de seus companheiros no mandioccal. Três entrevistados relataram não saber ler nem escrever. Destes, dois escrevem apenas o próprio nome e conseguem ler os nomes dos filhos e parentes. No cotidiano, solicitam que outras pessoas leiam e escrevam para eles, quando necessário. Nesse sentido, partimos do pressuposto que todos nossos entrevistados são, de certa forma, letrados, pois tendo se apropriado da leitura e da escrita em maior ou menor grau, reconhecem os usos sociais dessas práticas (SOARES, 1998). Os dados parciais revelam-nos a complexidade que envolve a participação dos sujeitos da EJA no mundo da escrita, não podendo nossa concepção de alfabetização limitar-se ao domínio do código alfabético nem tampouco à contabilidade dos anos de estudo. Suas experiências de letramento interrogam as imagens negativas construídas historicamente sobre os sujeitos analfabetos e convidam-nos a aprofundar nossas pesquisas sobre as formas de interação dos sujeitos com o mundo da escrita.